

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

WILMA JANE PALHARES DE FARIA

As crianças do Projeto de Intervenção Pedagógica e suas singularidades

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina Análise Crítica da Prática Pedagógica – ACPP como requisito parcial para a conclusão do curso de Especialização em Ensino na Educação Básica; área de concentração Aprendizagem e Ensino; oferecido pela FAE-UFMG.

Cursista: Wilma Jane Palhares de Faria
Orientadora: Libéria Rodrigues Neves

Belo Horizonte
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

WILMA JANE PALHARES DE FARIA

As crianças do Projeto de Intervenção Pedagógica e suas singularidades

Belo Horizonte
2012

Para Alice, Cirilo, Monique, Mario e Peter. Por serem únicos e especiais, impulsionaram esse movimento.

Agradecimentos

Ninguém chega a lugar algum sozinho.

Nada fiz,

A conquista é nossa. Conseguimos.



Ao Pai Maior, por enviar obstáculos e proporcionar a forma de superá-los.



Luiza e Laila, minhas filhas, companheiras, amigas, amor incondicional, razão de tudo.

“Dani” e Carmem, filhas de coração, sempre ao meu lado.

Minha Supermãe, expressão fiel de amor.

Minha irmã Wilza, preocupação de mãe e mão amiga, sempre presente.

Meus irmãos: sábios, presentes, protetores, únicos.

Meu pai, onde estiver, por ensinar-me o significado de açambarcar.

Regina e Cátia do CEE, pelas concessões, apoio e escuta.

Eduardo, precisas observações e apoio técnico no momento de pânico.

Leila, pela presteza em revisar.

Vera, incentivadora, apoio crucial em todos os momentos.

Colegas do RH do CEE, escuta, paciência e colaboração.

Marlizinha, olhar de mãe e cafezinho dos Deuses.

Todas as professoras da escola, apoio, incentivo e trabalho em dobro.

Iris e Cláudia por acolher meus alunos em minha ausência,

Mônica Márcia, paciência, acolhimento e amizade nos momentos de stress.

Rosana, amiga do PIP; dividindo incertezas, angústias, planos e o cafezinho.

Roseli, Fernanda e Sonia, amizade e confiança.



Angela, Carlos, Delmara, Liseux, Regina e todos os outros, na batalha, sempre um sorriso.

À Libéria Neves, exemplo real do processo de transferência, por orientar, direcionar, apoiar e ensinar-me a ter cautela nas observações, com paciência, sabedoria, e atenção.

Wilma Jane Palhares de Faria

As crianças do Projeto de Intervenção Pedagógica e suas singularidades

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino da Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Cursista: Wilma Jane Palhares de Faria

Orientadora: Libéria Rodrigues Neves

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Libéria Rodrigues Neves – Faculdade de Educação da UFMG

Maria Alice Moreira Lima – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

As atuais legislações norteadoras do processo educacional tornam obrigatória a escolaridade para as crianças a partir de 06(seis) anos de idade, como forma de garantir a sua inserção social. É preciso oferecer um ensino de qualidade. Além disso, ofertar ao aluno programas capazes de minimizar ou sanar suas dificuldades considerando as diferenças individuais existentes no processo de ensino-aprendizagem. No âmbito da Rede Municipal de Ensino, diversos são projetos direcionados para o aluno buscando auxiliá-los em suas dificuldades. Em nível de 1º e 2º ciclos, o Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) busca diminuir a defasagem dos alunos, oferecendo-lhes um espaço onde possam minimizar suas dificuldades.

Este trabalho, a partir do uso de entrevistas semiestruturadas, pretendeu conhecer os alunos do PIP, bem como conhecer seus aspectos singulares relacionados às suas dificuldades de aprendizagem. Concluiu-se que o PIP pode ser pensado como um espaço de oferta da palavra, um ambiente de escuta que pode estabelecer um laço educacional diferente do desenvolvido no âmbito da escola regular. Fatores vários contribuem para esse enlace, como o número de alunos, as condições espaciais e a metodologia. Essencialmente, permitir ao aluno dizer sobre as suas dificuldades é o fator diferencial para fazer do PIP um projeto capaz de produzir resultados positivos.

Palavras-chave: dificuldades de aprendizagem; Projeto de Intervenção Pedagógica; oferta da palavra.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. ASPECTOS LEGAIS.....	11
2.1 Ações da Secretaria Municipal de Educação	13
3. O PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	14
3.1 A Organização do PIP.....	14
3.2 A seleção dos alunos.....	15
3.3 A união PIP e Escola Integrada.....	16
3.4 Escolha do professor-interventor.....	18
3.5 O material Didático.....	19
3.6 O processo de Avaliação.....	19
4. SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	21
4.1 O contexto social.....	21
4.2 Contribuições das neurociências.....	26
4.3 Contribuições da psicanálise.....	27
5. O PLANO DE AÇÃO.....	34
5.1 Entrevistas.....	35
5.2 Aluno: Cirilo.....	36
5.3 Aluna: Monique.....	38
5.4 Aluna: Alice.....	41
5.5 Aluno: Mário.....	42
5.6 Aluno: Peter.....	43
5.7 Sr. Jaime pai do Cirilo.....	46
5.8 Sra. Maria mãe de Peter.....	48
5.9 Sra. Fábria mãe de Mário.....	49
5.10 Sra. Cláudia mãe de Alice.....	50
5.11 Sra. Dominique mãe de Monique.....	51
5.12 Análise das entrevistas dos alunos.....	53

5.13 Análise das entrevistas dos pais.....	54
6. CONCLUSÃO.....	57
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

1. INTRODUÇÃO

Trabalhando na rede Municipal de Belo Horizonte, há quase 10 anos sentia agonia imensurável buscando contagiar meus alunos com o vírus do desejo de aprender. Tinha comigo a certeza do baixo índice de desempenho escolar não estar relacionado aos transtornos de déficit de atenção, problemas ligados à saúde e sim ao desinteresse dos alunos pela escola. Mas qual a causa?

Ousei definir como problemas ligados à afetividade, com origem em diversas relações. Partindo dessa premissa, resolvi estender os meus estudos buscando instrumentos e argumentos capazes de confirmar minha hipótese, e auxiliar-me a desenvolver uma prática pedagógica ideal minimizando a falta de interesse apresentada.

Em final do mês de agosto, assumi uma turma do PIP (Projeto de Intervenção Pedagógica) Língua Portuguesa, do 2º ciclo com o objetivo de entender e auxiliar os alunos a descobrirem o seu potencial de aprendizagem, suas capacidades e habilidades e conscientizá-los de como são importantes para a família, para a escola e para o mundo. Além da capacidade de lidar com as diferenças, com as frustrações e desafios da vida tão inevitáveis. Saber enfrentá-los com segurança, equilíbrio, conhecimento, administrando emoções para obterem resultados positivos.

Lançava sobre eles olhares além de professor-mediador ou transmissor de conteúdos. Questionamentos inquietavam-me e o desejo de fazer algo para avançarem foi o impulso necessário. Acredito que o professor ideal convida ao conhecimento. A exemplo do autor Léo Buscáglio, citando Carl Rogers, em seu livro intitulado

Resolvi encarar o desafio do tempo, da concentração e dos atropelos do dia-a-dia e dei os primeiros passos para realizar o que acreditava dar-me subsídios para ajudar aquelas preciosidades à minha frente. Matriculei-me no curso de Pós-Graduação da Universidade Federal do Estado de Minas Gerais. Recebi uma mensagem de uma amiga logo quando iniciei o curso. “Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível e de repente você estará fazendo o impossível” (Francisco de Assis). E assim segui nesse desafio vibrante.

A responsabilidade é grande. É necessário um plano de ação interessante com relevância social e factível. Sabemos que o significado de educação, o ideal de educação é único para cada indivíduo. Então vale a pena vê-la no sentido contrário: a visão do aluno. Faremos perguntas comuns: *Será que eles não veem que a única forma de garantir um futuro melhor é pela educação? Como essa família vive? Serão felizes? Por que não buscam um novo rumo para a sua vida?*

Nesta linha de raciocínio formaríamos uma sociedade única, robotizada, uma humanidade padrão. Valores iguais, pensamentos iguais. Uma cartilha para todos seguirem. Quanta pretensão! O importante para cada um talvez não seja para o outro. Cada um feliz ou infeliz dentro da sua realidade. Não ter a educação como objetivo principal na vida não é pecado, mas pode ser contestado. Tudo é uma questão de escolha.

Entender os alunos e suas famílias, enxergá-los com um olhar diferenciado, respeitá-los em suas escolhas, observar as diferenças e tirar resultados positivos é fundamental. O ser humano é social por natureza e vai criando sua individualidade e sua autonomia. Então perguntamos. *Como trabalhar com essas crianças proporcionando-lhes oportunidade de*

Com este trabalho, pretende-se conhecer um pouco mais acerca do fracasso na escola. Para tal, buscou-se ouvir os alunos e o que estes têm a dizer sobre a escola, a aprendizagem e suas dificuldades.

Algumas constatações acabam por configurar hipóteses para as dificuldades de aprendizagem, a saber:

- Percebe-se em muitos alunos certa carência afetiva que os impede de avançar no seu desempenho escolar;
- A ausência familiar no contexto escolar da criança acarreta desinteresse e insatisfação prejudicando o seu desempenho escolar;
- O contexto afetivo na relação desenvolvido entre o professor e o aluno contribui para o desempenho escolar do educando;
- O bom desempenho escolar está atrelado a diversos fatores: ambiente escolar e familiar, a saúde física, mental e emocional, o contexto histórico e social do aprendiz;
- Uma intervenção analítica se faz mediante a constatação de algo que não vai bem, ou seja, a constatação de sintomas, que insistem em se inscrever, resistindo às mais diversas iniciativas e propostas do discurso pedagógico para dominá-los, eliminá-los ou educá-los.

Segundo FERNÁNDEZ (1991, p.47-52), para aprender, necessita-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar”.

E de acordo com Vygotsky, “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da

2. ASPECTOS LEGAIS

O ato de educar é ação abrangente, encontra-se em todos os espaços como a vida familiar, a vida escolar e a convivência social. A escola assume papel fundamental nesse processo das crianças e dos adolescentes. Garantir uma educação de qualidade com preparação para inserção social e no mercado de trabalho é dever do Estado e da família, como determina a LDB, Lei de Diretrizes e Bases. O artigo 2º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, dispõe:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Também é dever da escola promover ações para auxiliar os alunos com baixo rendimento escolar, conscientizá-los de suas necessidades, investir no potencial de cada um, incentivar o seu avanço, ressaltar os progressos e suas capacidades, além de respeitar o seu ritmo de aprendizagem. O apoio e a consciência familiar de ajudar essas crianças, no âmbito de sua competência, promove a confiança e a segurança da criança ou do adolescente. Essas ações são previstas na LDB, quando determina:

Art.12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:
I-Elaborar e executar sua proposta pedagógica;
IV-Prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;
VI- Articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de

Art. 13- Os docentes incumbir-se-ão de:

- I- Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;*
- II- Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;*
- III- Zelar pela aprendizagem dos alunos;*
- IV- Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;*
- V- Ministrar os dias letivos e horas-aulas estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;*
- VI- Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade;*

Art. 18 Os sistemas municipais de ensino compreendem:

- I – as instituições do ensino fundamental, médio e de educação infantil mantidas pelo Poder Público municipal;*
- II as instituições de educação infantil criadas e mantidas pela iniciativa privada;*
- III- os órgãos municipais de educação.*

A prefeitura de Belo Horizonte, em busca da educação inovadora, de qualidade seguindo as propostas do projeto político-pedagógico opta por ofertar o ensino fundamental em ciclos, amparada pelo disposto no parágrafo 1º do inciso IV do artigo 32, da Lei de Diretrizes e Bases, a saber:

dupla. Além da proposta de ciclos, a rede municipal oferta ações pedagógicas exigidas para a etapa ciclo no qual pertence.

2.1 Ações da Secretaria Municipal de Educação

A Secretaria Municipal de Educação, através de suas gerências de ensino, propicia projetos para o desenvolvimento da aprendizagem buscando construir uma educação de qualidade. A Gerência de Educação Básica e Inclusão possui dentre outras atribuições, a coordenação dos projetos de formação de professores (Rede Formação, Entrelaçando, Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP), Gestar II, Pró-letramento do Programa de Monitoramento da Gestão Pedagógica do Projeto 3º Ciclo. Este coordena o trabalho pedagógico realizado pela equipe de acompanhamento das escolas, acompanha e orienta o trabalho realizado nas escolas para 70 acompanhantes. Sucintamente atuam, por meio de projetos, da seguinte forma:

- 1- Entrelaçando - é um projeto criado para diminuir a distorção entre a idade e o ano de escolaridade dos alunos do 2º Ciclo.
- 2- Gestar II - Tem como foco a formação de professores(as), em parceria com o MEC, direcionado aos professores da Rede Municipal de Ensino nas áreas de Matemática e Língua Portuguesa.
- 3- Pró-letramento de Matemática e Alfabetização e Linguagem - destina-se a professores(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental.
- 4- Projeto 3º ciclo – proporciona ações pedagógicas para os alunos do 3º ciclo como Jornada Literária, Feira de Ciências e Festival Esportivo, elaborando propostas, regulamentos e viabilização dessas atividades.
- 5- Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) ou Reforço Escolar. Objeto de estudo desse trabalho, que será detalhado a seguir, a partir de sua estrutura,

3. O PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Pertence ao Programa BH Metas e Resultados e tem como objetivo diminuir a defasagem dos alunos com dificuldade de aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática, a partir do 3º ano do 1º ciclo. Propicia também a formação continuada de professores, ao desenvolver metodologias específicas visando dar novo significado para a aprendizagem, propondo material didático e de apoio específicos, orientações sistemáticas e disponibilizando orientações sempre que se fizerem necessárias.

O monitoramento das ações realizadas no PIP nas escolas da rede municipal de ensino estão a cargo da SMED, órgão responsável para analisar, avaliar e propor normas e procedimentos adequados aos bons resultados. Tais como a organização, definição dos estudantes, a participação dos professores nos encontros de formação, uso adequado dos recursos didáticos, aplicação das avaliações e o lançamento dos resultados no sistema denominado de EAD.

3.1 A Organização do PIP

Durante o ano de 2009 a 27 de agosto de 2011 o Projeto de Intervenção Pedagógica de uma escola da rede de BH, funcionava com turmas de 10 alunos divididos em dois grupos; sendo o primeiro grupo com atendimentos às 2ª e 4ª feiras, e o segundo grupo com atendimento às 3ª e 5ª, nos horários de 13:00 às 15:00 e de 15:20 às 17:20, alternadamente, garantido o horário de 20(vinte) minutos para o lanche. Nessa modalidade eram atendidos 40 (quarenta) alunos divididos em 04

Os alunos vinham de suas casas, a maioria sozinhos e alguns trazidos por seus responsáveis. O índice de faltas era significativo por razões diversas como a impossibilidade dos responsáveis levá-los em um dia ou outro. Muitos ficavam sozinhos em casa e não conseguiam atentar para o horário.

A pouca idade não permitia que cumprissem compromissos sistemáticos. Assim, estando longe dos pais ou outro responsável, julgavam não ter problemas com a falta eventual.

Outro fator complicador para os alunos que ficam sozinhos refere-se a livrar-se das atividades consideradas mais atrativas como assistir televisão, jogar bola, conversar com os amigos, jogar *vídeo game* e outros.

Os fatores climáticos, como calor intenso ou dias chuvosos, também afastavam as crianças; mesmo porque muitos moravam distantes do local onde eram realizadas as atividades do PIP.

O local destinado ao PIP ficava próximo da escola regular. Mas cabe ressaltar, grande parte da comunidade escolar mora distante e utiliza o transporte escolar oferecido pela PBH. Desse modo, como durante as atividades do PIP não tinham como utilizar do sistema de transporte, o fator distância também interferia no processo.

3.2 A seleção dos alunos

Os alunos são indicados pelos professores referência das etapas ciclo. Em alguns casos foram também discutidos com a coordenação. Foram indicados por apresentavam

assinatura no documento de adesão. Funcionando no horário diferente da escola regular, a família deve disponibilizar alguém para levar e buscar o aluno ou autorizar para que fosse sozinho.

Muitos pais gostavam da proposta, mas renunciavam à vaga devido a alguns problemas particulares; dentre eles a figura de um adulto para levar e buscar seus filhos. Outros simplesmente não queriam por acharem cansativo para as crianças, acreditando ser possível cuidar das dificuldades em casa mesmo.

3.3 A união do PIP e Escola Integrada

Expondo sucintamente, a Escola Integrada é um Projeto da Prefeitura de Belo Horizonte, e permite aos alunos permanecerem no espaço escolar em período além do horário regular. Para os alunos do 2º ciclo cujo horário regular é de 07h00min às 11h20min, o horário da escola integrada inicia-se às 11h20min e termina às 16:00 horas. Os alunos do 1º ciclo chegam à escola às 8:00 horas e frequentam diversas oficinas; e às 13:00 horas frequentam o ensino regular permanecendo até 17:20 horas. Há horários determinados para almoço e lanche no espaço escolar para ambos os ciclos. Utilizam a camisa personalizada da Escola Integrada quando estão nas oficinas do contra turno.

Neste contexto, o Projeto de Intervenção Pedagógica(PIP) passa a ser uma das oficinas da Escola Integrada, funcionando em duas turmas diárias com a duração de 1h30min cada. Para completar a carga horária do professor, foi estabelecido atendimento aos alunos com problemas de aprendizagem, no turno, indicados pelo professor regular. O atendimento acontece em uma sala dentro da

denominada de ACPATE. As atividades de regência têm a duração de 15h(quinze horas) semanais. O projeto de Intervenção Pedagógica segue esta organização e acontece no contra turno, ou seja, no horário inverso ao ensino regular do aluno, garantindo a sua frequência normal às aulas.

O projeto de Intervenção Pedagógica (PIP), da Escola Pública de BH, está dentro do projeto da Escola Integrada e observa-se na sua matriz de funcionamento a seguinte estrutura:

- a) Os alunos são atendidos em módulos de 1h30 (uma hora e trinta minutos) em dois dias da semana, totalizando 3 horas semanais.
- b) Nos horários de 07h00min as 08h00min e 16h00min às 17h30min, o professor do PIP atende aos alunos do turno, indicados pelos professores e coordenadores, orientando-os e auxiliando-os em suas dificuldades.
- c) O horário destinado as Atividades coletivas de planejamento e Avaliação do Trabalho Escolar (ACPATE) é utilizado pelo professor do PIP para:
 - organização e preparação do material pedagógico;
 - análise e lançamento de resultados das avaliações nas planilhas eletrônicas;
 - lançar frequência dos alunos EAD;
 - semanalmente, encontros para planejamento e acompanhamento do trabalho com a coordenação, com o professor comunitário, com o diretor e ainda com o acompanhante da escola;
 - a cada três semanas acontece o encontro para a formação continuada, sempre às sextas-feiras, em espaço determinado pela SMED, momento em que os professores de várias escolas tem a oportunidade de receber as orientações, material didático, sugerir atividades, trocar experiências com outros professores, expor possíveis problemas e buscar soluções além de atividades ligadas à formação.

3.4 Escolha do professor-interventor

Para um projeto tão relevante, a função do coordenador pedagógico também assume importância crucial para o seu desenvolvimento, respeitando as suas particularidades e propiciando o seu funcionamento da melhor maneira possível. O acompanhamento sistemático, a avaliação do projeto em parceria com o professor interventor bem como o acompanhante de escola são essenciais. Proporcionar condições adequadas para o funcionamento do PIP, oportunizar ao professor interventor os momentos para encontros com os pais, encontros destinados à formação e ao planejamento das atividades, estar atento à frequência dos alunos e promover a interação entre os professores do ensino regular e o professor interventor significam ações relevantes para o sucesso do projeto.

A primeira iniciativa do diretor e talvez a mais importante para desencadear todo o sucesso do projeto está na escolha do professor interventor. Como os alunos são indicados pelo professor, por apresentarem dificuldades na aprendizagem, a repercussão desta notícia para ele e sua família pode acontecer como um fato bom ou ruim. O professor interventor deve ficar atento às reações do aluno quanto a isso. Desse modo, procurar saber acolher, oferecer esclarecimento e tranquilidade ao aluno à função do PIP.

Outro detalhe a ser cuidado refere-se à relação deste aluno com os colegas de turma ou da escola. Principalmente como este aluno está sendo visto pelos colegas sendo aluno do PIP, evitando-se possibilidades de rotulações. A escola como um todo deve trabalhar para não ocorrer discriminações. O espaço do PIP deve ser acolhedor e desencadeador de oportunidades.

Ao diretor compete a escolha do professor

Outro ponto a ser considerado é a afetividade e a sensibilidade na prática pedagógica. Cria-se um laço entre o professor e aluno como ingrediente para o bom desempenho. Para atuar no 1º ciclo, Língua Portuguesa, o professor alfabetizador é um diferencial. Para o 2º ciclo a preferência é para o professor de Língua Portuguesa e Matemática facilitando o trabalho a ser desenvolvido.

Todas essas habilidades são essenciais em razão das funções a serem desenvolvidas pelo professor interventor. A mais importante é a de intervir criativamente, utilizando de metodologias diversificadas, nas dificuldades apresentadas pelos alunos, considerando os aspectos relativos à formação.

3.5 O material Didático

O material didático-pedagógico é elaborado pela Equipe do PIP pertencente à Superintendência Municipal de Ensino à Distância juntamente com os professores interventores em encontros sistemáticos. Nesses, os professores interventores têm a oportunidade de sugerir temas, atividades e avaliações adequadas aos alunos, respeitando-se: as capacidades contidas nas Proposições Curriculares da Rede Municipal de Ensino de forma interdisciplinar; a etapa/ciclo; e as dificuldades a serem trabalhadas. Como o material produzido advém de diversas propostas, o professor interventor tem a liberdade de promover as adequações necessárias às especificidades do seu público.

3.6 O processo de Avaliação

O assunto avaliação no ambiente do Projeto de Intervenção Pedagógica assume importância suma iniciando com a avaliação diagnóstica para cada ciclo e outras no decorrer do processo, subsidiando aos professores interventores

adequadas para minimizar ou sanar as dificuldades apresentadas pelos alunos. Acontecem nos meses de fevereiro, junho e novembro.

Caso o aluno apresente resultado satisfatório nas avaliações e tenha frequentado o PIP por um período igual ou superior a 06 (seis) meses e ficar comprovado o seu domínio das capacidades básicas exigidas, poderá ser desligado. Mas como o PIP faz parte da escola integrada, raramente ocorre esse desligamento, pois na verdade a presença do aluno tem outras razões para permanecer na escola por período integral.

4. SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Diversos são os discursos produzidos nas ciências aplicadas à educação, no intuito de se compreender as dificuldades de aprendizagem que caracterizam o fracasso escolar.

Inúmeras questões interferem no processo de aprendizagem da criança- superficial ou substancialmente. Na escola, ela adquire conhecimentos e transmite sua bagagem de informações, interage, distancia forma ou altera conceitos, desenvolve como cidadã, e evolui intelectualmente e socialmente.

4.1 O contexto social

Educação, escola e suas relações com o contexto social é algo do qual não conseguimos fugir. Desde a infância somos envolvidos por relações sociais. Os limites ofertados pela educação familiar, pela igreja e pela educação formal têm como objetivo a inserção no mundo social. Tanto autores da Sociologia da Educação como da Psicologia destacam aspectos sociais e culturais como importantes nos processos de aprendizagem e ensino.

O autor João Valdir Alves de Souza, em seu livro “Introdução à Sociologia da Educação”, expõe:(...) de tudo que se atribui como tarefa da educação, nos nossos dias, uma das mais importantes é a que ela deve levar os indivíduos a dominar os instrumentos da leitura e da escrita, posto que vivemos numa sociedade letrada. Mas de nada adianta levar indivíduos a dominar esses instrumentos se eles não funcionam como ferramentas para ler a realidade, o mundo em que vivemos (2009, p. 24).

forma analítica e crítica. Inicialmente a criança adquire conhecimentos transmitidos no seu cotidiano através das relações familiares e sociais. Neste sentido Souza, citando Durkheim, expõe: “a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social” (Souza, 2009, p.170).

O ato de educar deve proporcionar mudanças de origem moral, de crenças, sentimentos e principalmente ideias. O ato de educar visa proporcionar ao indivíduo a oportunidade de adquirir conhecimentos e se posicionar sobre eles. Dois aspectos são desenvolvidos neste momento: a autonomia e a crítica. A partir do conhecimento e domínio de um conteúdo, o sujeito poderá pensar e refletir com autonomia e se posicionar criticamente.

Vivemos em sociedade, não podemos nos furtar de seguir as regras. Elas impõem limites e levam à autoridade necessária à harmonia social. No âmbito educacional muitas vezes percebe-se o conceito equivocado de autoridade e liberdade. O aluno responsável por seus atos e cumpridor de seu dever, capaz de respeitar e cumprir regras é um aluno livre.

Compete ao professor posicionar-se de maneira que a autoridade seja atitude norteadora do equilíbrio da criança. A criança deve observar que ao se portar de maneira reflexiva e crítica, entenderá a autoridade como sustentável das relações sociais.

Como a sociedade enxerga a educação atualmente? A forma como os pais valorizam a escola influencia radicalmente na formação moral da criança com relação ao seu papel de aluno. A escola é um lugar de fazer amigos e brincar? De adquirir conhecimentos? De aprender a ser educado? De ocupar o tempo ocioso? De alic

formados de acordo com a classe social, a etnia, faixa etária. Cada família determina o seu grau de importância e prioridade.

João Valdir Alves de Souza relata a transformação pela qual a educação passou:

“A ideia central e comum que norteia os sistemas nacionais de ensino é que o Estado construiu escolas em todos os pontos do território Nacional, formar professores para nela atuar, elaborar os currículos aos quais todas devem se submeter e mandar que todas as crianças frequentem. De início a educação escolar é vista como direito. Depois ela se transforma numa obrigação passível de punição aos pais que não mandarem seus filhos à escola...”.(2009, página 156)

No ambiente de sala, muitos alunos assumem a postura de apenas cumprir um dever. Quando questionados sobre as razões pelas quais estão ali, muitos respondem ser a necessidade de no futuro arrumar um emprego. Essa justificativa não tem efeito para a criança. Não conseguem perceber um objetivo em longo prazo. Para elas a recompensa deve ser imediata, em tempo real.

Aos professores compete refletir como atuarem sendo mediadores das diversas culturas, proporcionando atividades com contexto social adequado situando o aluno na época histórica atual e conscientizando-o da necessidade de seguir no processo educacional para se formar um cidadão crítico e transformador da sociedade.

A ideia de sociedade para o aluno, inicialmente, pode ser apresentada como a classe a que pertence a escola, o grupo de amigos, a família, a religião, a comunidade onde vive. Devendo sentir-se importante em cada um desses espaços, conviver amig

aprendizagem: Que tipo de estrutura familiar a criança pertence? Quando privadas de tantos valores de sobrevivência, qual a visão de mundo para ela? Vai à escola para se sentir feliz e por achar importante ou por motivos diversos como garantir melhor condição de vida para a família através de benefícios sociais como bolsa-família, bolsa-escola e outros?

Saber quem é nosso aluno, qual é o seu universo cultural e qual a sua visão de mundo é essencial. Muitas vezes os valores, as regras, o cotidiano e a formação familiar poderão ser diferentes do padrão social imposto pelas camadas dominantes. A estrutura familiar da maioria das crianças que participam do PIP, nas escolas públicas, foge ao padrão ditado pela sociedade. Geralmente possuem apenas uma pessoa responsável, sendo ou o pai, ou a mãe, ou a avó (este último caso é o mais comum). Essa estrutura fundamenta-se em razões diversas com destaque para a baixa faixa etária dos pais, a condição financeira, a negação às suas responsabilidades, ao uso de drogas lícitas e ilícitas, entre outros.

Vygotsky afirma:

“O ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial a seu desenvolvimento(...)o processo de ensino-aprendizagem inclui aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas”(1994, página 75).

O desenvolvimento da criança acontece a partir das oportunidades diárias de desenvolvimento à que estiver exposta. A aprendizagem ocorre num processo evolutivo culminando na autonomia. Momento

professor para solucionar problemas, lançando mão de recursos próprios para transpor suas dificuldades.

Não existe um momento definido de aprendizagem no cotidiano. O processo é contínuo, diversificado e diretamente ligado ao interesse, à sobrevivência, à resolução de problemas, às oportunidades e às capacidades e habilidades para executar determinada tarefa.

A criança que nunca viu uma bicicleta ou não teve a oportunidade de manuseá-la, explorá-la, não pode ser julgada como incapaz ou sem habilidade para andar de bicicleta. Ao ter contato com a bicicleta, poderá aprender a andar usando o sistema de ensaio-erro, observando o outro em suas atitudes, buscando imitá-lo ou executando sozinho cada passo que lhe for explicado.

Cada ser carrega a herança genética própria da espécie. Os elementos sociais e culturais podem inibir ou alterar suas habilidades configurando a herança cultural. Nesse momento os processos educativos contribuem para o desenvolvimento dessas heranças de forma articulada por propiciarem a aquisição de competências socialmente construídas, onde indivíduos mais experientes e competentes proporcionam oportunidades de interpretação e utilização.

É o aprendizado passado de geração a geração, do mestre ao discípulo, do mais experiente para o iniciante. Segundo Paulo Freire não existe saber mais ou saber menos; existe saber diferenciado: cada um tem o saber de acordo com suas vivências.

Para Cool (1990), o conceito de desenvolvimento consiste num “processo mediado pela sociedade e pela cultura que ocorre tanto individual como coletivamente, com possíveis componentes de caráter universal dos diferentes grupos e

1- (...) a experiência escolar insere-se em um processo contínuo de desenvolvimento do sujeito que se iniciou antes de sua entrada na instituição. Todas as experiências vividas na escola ganharão significado quando articuladas ao processo global de desenvolvimento do indivíduo e não quando concebidas como um aglomerado de experiências independentes, vividas exclusivamente no âmbito escolar.

2- a escola não é espaço independente de socialização e aprendizagem, mas um espaço que vem se somar aos outros nos quais o ser humano transita, os quais de forma ou de outra já imprimiram certas marcas nas formas de atividade que o indivíduo realiza e no uso que ele faz tanto dos sistemas expressivos, como simbólicos. (Pág. 2).

Diversas abordagens lançam olhares diferenciados sobre a relação de aprendizagem e desenvolvimento. No texto “Relações entre desenvolvimento e aprendizagem: consequências na sala de aula”, de Maria de Fátima Cardoso Gomes, dispõe:

“Nessa perspectiva, avança-se do sujeito ativo de Piaget para o sujeito interativo de Vygotsky. O professor recupera o seu papel, e o ato de ensinar, a sua função. O nível individual de construção do conhecimento é questionado, instaurando-se o nível coletivo da construção sem, no entanto, desconsiderar a ação intrapsíquica de cada um. A preocupação com o “erro” desaparece, e outra forma de avaliação é possível através do conceito de “Zona do Desenvolvimento Proximal”. A criança, enquanto aprende, desenvolve suas capacidades cognitivas e adquire novas habilidades. Da mesma forma, ao se desenvolver, constrói estruturas que lhe possibilitam novas aprendizagens, já que aprendizagem e desenvolvimento são processos interdependentes e contínuos; ou seja, possuem uma identidade que pressupõe que um seja convertido no outro. Nessa perspectiva, a ação da criança

A união entre as funções cerebrais, desenvolvimento adquirido através do processo ensino-aprendizagem e as experiências de vida, resultam em neuroplasticidade, alterando a estrutura cerebral do aprendiz, culminando em novos comportamentos.

Segundo as orientações das neurociências, sabendo como o cérebro funciona e respeitando suas funções, o educador pode planejar sua prática pedagógica mais consciente, entender como certas atitudes podem gerar sucesso ou fracasso escolar. É preciso um olhar sensível do educador para buscar meios de descobrir as causas. Muitas vezes buscar ajuda dos profissionais da saúde, como pediatras, psicólogos, neurologistas, oftalmologistas e outros.

Na turma regular, do 5º ano, no qual os alunos participantes deste plano de ação estão inseridos, possui 31 alunos com idade entre 10 e 12 anos. Há alguns casos que ilustram bem os conhecimentos vistos. Lançar um olhar diferente para as atitudes e dificuldades de cada aluno, altera a prática pedagógica e obtendo-se melhores resultados. Respeitar e ajudar cada um deles é o primeiro passo.

Os estudos da neurociência também ajudam a entender as dificuldades destes alunos e elaborar hipóteses que se confirmadas permitem o encaminhamento conforme a necessidade.

4.3 Contribuições da psicanálise

Frequentemente são apresentados alunos com dificuldades de aprendizagem, desinteresse ou desmotivados ocasionando um desconforto no ambiente escolar. Há um desafio: como auxiliá-los? São inúmeras causas e conseqüências. Vale pesquisar, buscar respostas e promover ações. O professor está bem próximo do

Reporta aos seus conhecimentos adquiridos durante a formação, busca algo inovador na literatura atual, conversa com a família ou aplica os mecanismos de punição como as chamadas “ocorrências” junto à coordenação da escola. Em alguns casos, entre uma medida e outra há a mudança de comportamento do aluno por um período pequeno, embora raras vezes ele se extingue.

No segmento, a psicanálise promove caminhos fazendo-nos observar a criança intensamente e individualmente. Mrech(1999), citando Lacan, discorre alguns conceitos essenciais para entendermos como a psicanálise interpreta o indivíduo. Primeiro temos o significado de *falasser*: “conceito introduzido por Lacan para designar o ser na fala.” O que revela que os sujeitos são tecidos e se tecem através da fala e da linguagem. Designa a maneira como os sujeitos costumam ser vistos, se veem e tentam fazer os outros vê-los de uma forma determinada. Lacan revela que o *falasser* não é o ente, o ser, a pessoa, o indivíduo, tal como se costuma acreditar. Estes tem uma característica básica de fixidez, de fixação que estabelecem uma ficção como se os sujeitos não mudassem. Lacan prefere conceber os sujeitos em contínua mudança. Cada vez que os sujeitos falam, dizem muito mais do que gostariam de dizer.

Observando os espaços escolares atuais e conhecendo a história da educação, não enxergamos o espaço ideal capaz de oportunizar o falar do aluno. Da antiguidade sabemos de todas as privações, da censura agindo e das regras sociais muito rígidas não permitindo ao aluno expor suas ideias e opiniões.

“(...) a noção de sujeito remete sempre ao sujeito do inconsciente, ao sujeito cindido, e não ao indivíduo ou a uma pessoa completa e total. Com isto Lacan revela que o sujeito não tem plena consciência dos seus atos. Para Lacan, o sujeito é o falasser, o sujeito cindido”. (pág 139.).

Outro- Grafado com letra maiúscula, tem para Lacan, sentido especial:

“(Grande Outro)- Para Lacan a linguagem e a fala, através do social, tecem o Outro de cada cultura, o chamado Outro social ou Outro simbólico. O outro dos sujeitos é um produto da incorporação da cadeia de significantes familiar do sujeito”.(1999 pág.135).

Com relação ao conceito de sintoma:

“É a forma como cada qual goza do seu inconsciente. Neste sentido, na etapa final das teorizações lacanianas, não basta apenas saber o sentido, o significado do sintoma. O sintoma encontra-se articulado ao gozo. No final da análise é preciso que o sujeito modifique as suas modalidades de gozo, levando-o, a saber, o que fazer (savoir y faire) com o seu sintoma.” (1999 pág139).

Permitir o aluno falar de si mesmo e de suas dificuldades talvez possibilite minimizá-las ou excluí-las. Pois desse modo pode-se trazer para o consciente as

Mas para Lacan, citado por Mrech (1999, pág130), o ensino na Psicanálise “é da ordem do não todo. Ou seja, ele não é um saber completo pronto e acabado de uma vez para sempre. Ele é um saber em constante processo de transformação”.

Os conceitos acima transcritos nos levam a interpretar a importância da relação professor aluno no cotidiano escolar. A transmissão do saber sem sentido, sem sintonia com a criança a faz responder com desinteresse e apatia.

O professor planeja com detalhes uma aula buscando transmitir para o aluno o conceito a ser aprendido. Mas a forma como ele transmite terá uma repercussão no aluno positiva ou não. O aluno poderá não entender a fala do professor. Cria-se o mal-entendido impedindo a conclusão da aprendizagem.

Do ponto de vista do aluno também há uma transferência. O conceito de transferência no processo pedagógico pode ser assim definido:

“Na relação pedagógica, a transferência faz com que o aluno se volte para a figura do professor. O professor é, para o aluno, aquele que sabe como ensiná-lo. Nessa relação, a transferência se instala por meio de um intercâmbio entre inconscientes: o inconsciente do professor e o do aluno. Em definitivo, o fenômeno se constrói a partir de um traço do professor- que pode ser um traço próprio ou construído- mas que, para o aluno é símbolo de um desejo inconsciente” (SANTOS, 2009. Pág 35).

Observa-se qual criança se destaca em sala de aula ou nos espaços escolares? Aquela com as características adequadas ao ambiente, seguidoras das regras, socialmente educada, que apresenta desempenho escolar satisfatório; ou aquela com comportamento agitado, descumpridora de regras, causadora de conflitos, com baixo desempenho escolar? Fugir às regras gera destaque? Poder? Faz a diferença?

Historicamente ouvimos nomenclaturas diversas para comportamentos ditos diferentes: “débil mental”, “mongol”, “idiota”, eram destinados a alunos com comportamentos estranhos aos pré-estabelecidos pela sociedade, seja no ambiente escolar ou não.

“(...) durante as primeiras três décadas do século XX, os testes psicológicos assumem um grande peso na decisão dos educadores a respeito do destino escolar de grandes contingentes de crianças que tinham acesso à escola” (Santiago, 2000, pág 20 Tese.).

Hoje o que vigora nos diagnósticos são nomenclaturas diferentes como as dislexias, disortografias, discalculias, dispraxias, TDAH, autismo, síndromes diversas e os chamados de “alunos de inclusão” por motivos diversos.

Nesse contexto, surge a parceria saúde e educação produzindo efeitos positivos quando o caso assim o requer. O olhar do educador, em primeiro lugar, deve estar atento para somente encaminhar

que lhe acontece é o que possibilita não apenas a elucidação de elementos de subjetividade ou de sentido inconsciente, acrescentando o mínimo de significação que o conteúdo escolar deve ter como também a extração de um método de intervenção reeducativo particularizado. A escuta do sujeito possui o alcance de integrar ao diagnóstico da dificuldade de aprendizagem a dimensão subjetiva, que, para a psicanálise, se configura com a única via possível para a transformação da queixa escolar em uma demanda de tratamento propriamente analítico. (Santiago,2000, p.38 tese).

O educador não pode se furtar de ouvir o educando. Através do que ele tem para falar da sua dificuldade, das suas dúvidas podemos planejar ações para auxiliá-los. É muito importante estabelecer uma relação professor-aluno sintonizada.

“Para a Psicanálise, a palavra da criança precisa ser resgatada. Para que ele deixe de ser objeto dos desejos e necessidades dos adultos, para se investigar como ela pensa, sente, percebe o mundo à sua volta.”(Mrech, 1999, pág.109).

Fato importante que acontece na relação professor-aluno é a transferência. O espaço destinado ao PIP favorece esta relação e permite a evolução da aprendizagem.

“Na relação pedagógica, de forma semelhante ao que acontece na relação analítica, a transferência faz com que o aluno se volte para a figura do professor. O professor é, para

O ambiente proporciona o momento de escuta. Os alunos geralmente são encaminhados por apresentarem desinteresse ou dificuldades diversas e ao realizarem as atividades propostas no PIP essas não aparecem com a mesma intensidade ou simplesmente são inexistentes.

No ambiente escolar regular, ao analisar as dificuldades apresentadas pelos alunos, o grupo de professores levanta hipóteses para justificá-las na ânsia de buscar soluções capazes de saná-las. Normalmente estão embasadas na formação familiar, nas condições de saúde física e mental, no contexto social, nos valores sociais da classe à qual pertence o aluno, nos conflitos emocionais e, ainda, na falta de acompanhamento familiar.

A criança que possui desenvolvimento inadequado no processo da aprendizagem nem sempre apresenta problemas de saúde ou saúde mental. Portanto, lançam-se mão das outras alternativas, as quais prescindem da dimensão da subjetividade (sintoma e sujeito).

5. O PLANO DE AÇÃO

No intuito de se conhecer um pouco mais sobre as dificuldades dos alunos, elegeu-se o público participante do PIP em uma escola pública de BH para participarem de uma investigação que objetivou Identificar os fatores relevantes responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem e/ou desinteresse no processo ensino aprendizagem presente nos alunos atendidos pelo Programa de Intervenção Pedagógica.

- Oportunizar um espaço de palavra a um grupo de alunos participantes do Projeto de Intervenção Pedagógica – PIP de uma escola publica em BH, de modo que possam nos dizer algo sobre a situação de fracasso na escola;
- Identificar aspectos pedagógicos bem como aspectos da subjetividade dos alunos que possam estar envolvidos em suas dificuldades de aprendizagem.
- Subsidiar ações de interferência para minimizar os índices de baixo desempenho escolar.

Para se alcançar os objetivos desse plano de ação, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os alunos alvo do Projeto de Intervenção Pedagógica – PIP da referida escola. Estas foram feitas ao longo do 2º semestre de 2011 e 1º semestre de 2012, em encontros únicos e individuais, durante o horário da ACPATE. Os alunos foram gentilmente cedidos pelo professor referência.

No intuito de se levantar o panorama do desempenho dos alunos, também foram levantados dados de suas avaliações individuais, além de entrevistas com os responsáveis pelos mesmos¹.

¹A estrutura familiar é diversificada; alguns alunos moram com os pais, outros com

No período de 15 de agosto a 17 de dezembro de 2011, participei do PIP Língua Portuguesa, 2º ciclo e vivenciei as relações subjetivas e de transferência que ali surgiam.

Trilhando esse caminho, os alunos foram entrevistados, para conhecermos a realidade através do seu olhar. Como ele, agente do processo educacional percebe o seu desempenho escolar?

Com os pais que concederam entrevista, buscou-se perceber qual seu olhar diante do desempenho escolar apresentado pelo filho e o significado desta realidade para ele.

Inicialmente foram selecionados os alunos do 2º ano do 2º Ciclo indicados para PIP, Língua Portuguesa. Esses formavam um grupo de 17(dezessete) alunos. Porém, como o foco do plano de ação compreendia ouvir do aluno e de seu responsável, o que os mesmos pensavam sobre as dificuldades de aprendizagem apresentadas, concluiu-se com apenas 05(cinco).

As dificuldades para a realização das entrevistas estavam em agendar horários compatíveis com os pais. Mas estavam dispostos a colaborar com a intenção de ajudar a solucionar as dificuldades do filho e do ato de educar como um todo.

5.1 Entrevistas

As entrevistas aconteceram na sala dos professores no horário de projeto, individualmente. Os alunos foram gentilmente cedidos pelo professor que estava na sala de aula. Todos se portaram com muita franqueza, descontraídos, dando respostas imediat

As anotações aconteceram ao longo das entrevistas. Anteriormente os pais das crianças assinaram o documento de autorização.

Todas as crianças falam, durante a entrevista, da importância da família, dos avós. Mesmo morando com os pais ou somente com um deles, a figura da avó ou avós é significativa. Manifestam o interesse em conhecer a história desses avós e gostam da disciplina de História.

Percebe-se também como gostam do espaço da escola, gostam da maneira como ela funciona e pouco têm a sugerir para mudá-la ou acrescentar. A ênfase percebida para mudança é a inclusão de espaço ou atividades lúdicas, mais alegres. Também falam da importância do bom relacionamento com o professor e de como gostam de serem tratados, sem gritos e com mais alegria.

Em momento algum revelam não quererem ir para a escola, pelo contrário, dizem sentirem-se felizes e reconhecem a escola como espaço para fazer amigos.

São conscientes das suas dificuldades, mas não conseguem defini-las. Gostam de ver os pais olhando seus cadernos e opinando sobre eles. Falam do futuro e de como se sentem no ambiente escolar. A seguir serão descritas as respostas dos alunos diante das perguntas realizadas durante as entrevistas.

5.2 Aluno: Cirilo

Você acha que você tem dificuldades?

Como foi para você esta notícia?

Um pouco ruim e um pouco bom. Bom porque ia aprender e ruim porque não pode dormir.

Para sua família, frequentar o PIP é importante?

Minha mãe me xingou. Porque eu falava que tava tudo bem e ela descobriu com o bilhete do PIP.

Meu pai falou “Tá bom, mas você não pode faltar.”

O que é para você participar do PIP?

Depois é bom. Professora, posso falar a verdade? Com você é bom, mas com a (nome da professora) é ruim porque ela só faz joguinhos.

Como você se sente em sala de aula?

Com aqueles meninos falando na

É. Se eu tiver feito alguma coisa, sim. Se não fiz da um frio na barriga... Já aconteceu com você?
 Como você se sente quando eles tentam ajudá-los nas atividades?
 Acho muito bom. É muito importante. Minha mãe nem mora mais comigo!
 Você sente falta dela?
 Um pouco.
 Como você se sente quando apenas verificam seus cadernos?
 Eu acho bom, eu sinto um alívio.
 Qual a sua sugestão para melhorar a escola?
 Aumentar a quadra de futebol. Tivesse um computador para cada um, jogos para a gente aprender.
 Ter educação física dois dias. Ter máquina que faz agente aprender rápido. Já pensou? Ia ser bem legal!
 Como você se sente na escola?
 Me sinto bom. Me sinto inteligente.
 Como você se sente na sua casa?
 Eu to sempre na rua jogando bola.
 Como você se sente aqui no PIP?
 É melhor do que aqui. Lá fica menos tempo.
 Você tem medo de alguma coisa? De quê?
 De cobra, aranha cabeluda.

5.3 Aluna: Monique

Que dificuldades você acha que tem?
 Nenhuma.
 Por que você acha que tem?
 Não sei.
 Você sabe por que você está no PIP?
 Sei. Por que estava fraca.
 Como foi para você esta notícia?
 Não senti nada.
 Para sua família, frequentar o PIP é importante?
 Acho que é!
 O que é para você participar do PIP?
 Nem ligo.
 Como você se sente em sala de aula?
 Sinto bem.

De nenhuma?

Nenhuma.

Que você pensa sobre estudar?

Porque se não vai trabalhar, não.

Como você se sente quando há avaliação?

Normal.

Como você se sente quando há Para casa?

De vez em quando eu faço.

Por que?

Por que eu esqueço.

Se lembrasse você iria fazer todo dia?

Sim.

Como você se sente quando o professor chama atenção por algum motivo?

Sinto nada.

E ela?

Ela fala: Você não estuda? E deixa prá lá.

Você queria que fosse diferente?

Não. As meninas todas gostam da minha mãe. Elas falam: “Eu com uma mãe dessas!”

Por que?

Por que ela não é brava e deixa eu sair.

E o que você acha disso tudo?

Acho bom.

Como você se sente quando apenas verificam seus cadernos?

Só de vez em quando. Ele fala: “ Se você não fez vai fazer. Ai, de vez em quando eu faço.

Você sente bem com isso?

Sinto.

Só ela?

É.

5.4 Aluna: Alice

Que dificuldades você acha que tem?

Ler e guardar o que li

Por que você acha que tem?

Não sei.

Você sabe por que você está no PIP?

Não sei.

Como foi para você esta notícia?

Gostei.

Para sua família, frequentar o PIP é importante?

Sim. (Fez sinal com a cabeça)

O que é para você participar do PIP?

Apre

Como seria a escola ideal para você se sentir feliz e ao mesmo tempo ter que cumprir as obrigações escolares?

Todo mundo feliz.

O que você gosta em um professor? Que dá coisas certas. Que não fica sentada sem fazer nada.

O que você não gosta em um professor?

É difícil! (sorriu)

Para você é importante que seus pais olhem seus cadernos e façam a apreciação deles?

Só minha mãe, porque meu pai trabalha quase o dia inteiro, nem almoça.

Como você se sente quando eles tentam ajudá-los nas atividades?

Feliz porque eles me ajudam.

Como você se sente quando apenas verificam seus cadernos?

Não olha direito e fala que tá bom. E se tiver errado?

Foi muito bom.

Por que?

Tudo. Não sei explicar.

Como você se sente em sala de aula?

Bem.

Nada te incomodava?

Não.

Quais as matérias que você gosta?

História. Por que é muito legal. As aulas são legais. Eu também posso aprender muita coisa através da história.

O que faz a aula de história ficar legal?

A professora.

A professora? Como assim?

O jeito que ela pergunta, dando aula. (não soube explicar)

Você sabe por que você está no PIP?

Por causa das notas. Os meninos fazem bagunça e a professora grita.

Mas você tem vontade de estudar?

Tenho. Muita.

Como foi para você esta notícia?

Meio ruim.

Para sua família, frequentar o PIP é importante?

É. É importante estudar e formar. Meu pai e minha mãe falam isso. Meu pai foi até a 5ª, minha mãe foi até a 4ª. Eles falam: Eu não quero que você seja como eu fui. Quero você estudando até a faculdade e arrumando emprego.

O que é para você participar do PIP?

Se fosse professor, tivesse as responsabilidades de passar conteúdo, dar avaliações, lançar notas, como você agiria?

Bravo. Ficaria com raiva, fazia tudo no computador, e ia dando para os meninos (demonstrava sempre com os gestos).

Você acha que elas poderiam ser sempre no computador?

Não. Eu ia por no Xerox e dá para os meninos fazerem.

Por que e para que você vem à escola?

Para estudar, para aprender, para ter um trabalho bom quando eu crescer. Estudar bastante, porque o dia que eu for para a faculdade, vou ter que estudar muito.

Mas você não acha que deveria estudar desde agora?

O que você não gosta em um professor?

Ficar com raiva. Ficar xingando.

Para você é importante que seus pais olhem seus cadernos e façam a apreciação deles?

É(é muito importante) Enfatizou com os olhos.

Como você se sente quando eles tentam ajudá-los nas atividades?

Tudo bem?

Já aconteceu?

Já. Pegaram o caderno, olharam e me ajudaram.

E você achou bom?

Hum rum!!

É melhor quando olha ou quando não olha?

Melhor quando olha.

Como você se sente quando apenas verificam seus cadernos?

Você sabe o motivo dessa dificuldade?

Falta atenção.

Como foi para você a notícia de que seu(sua) filho (a) foi encaminhado para frequentar o PIP?

Normal. Imagino que é um reforço.

Como você acha que ele(ela) se sente em sala de aula?

Desatento.

Você sabe quais as matérias que ele(ela) gosta e porque?

Ciência. Para ele é mais fácil.

Como ele se sente quando há para casa?

Tenho que ficar em cima.

E você, o que você pensa sobre o Para Casa? Por quê?

É muito importante para aprendizagem.

Você tem algum benefício social? Qual?

Não.

Como seu filho(a) utiliza as horas vagas?

Brincando.

Você acha que há diferença entre a aprendizagem que acontece no espaço do PIP e a que acontece no ambiente da escola regular? Quais?

Sim. Porque o PIP trabalha com criança que precisa de reforço.

5.8 Sra. Maria mãe de Peter

Você acha que seu filho tem dificuldades de aprendizagem?

Eu acho. Principalmente na concentração. Tem dia que está inquieto e tem dia que faz normalmente. Em casa também é assim. Com jogos de mexer. Eu também sou assim.

Por que você acha que ele tem essa dificuldade?

Peter não consegue ler. Quando era pequeno lia muito, mas agora...

De qualquer bicho e filme de terror.

5.9 Sra. Fábria mãe de Mário

A mãe foi convidada para a entrevista formalmente, mas não respondeu. A entrevista aconteceu sem a programação prevista. Ao levá-lo para a escola nos encontramos casualmente e Mário grita por mim a fim de mostrar-me um trabalho feito por ele e o pai com material reciclado. Não esquecerei o brilho do seu olhar ao fazer o relato da atividade. O importante foi “EU fiz”. Arrisquei em interpretar que ele dizia através do olhar que era capaz. “Veja, eu também sei fazer”. A conversa aconteceu rapidamente e eu logo perguntei à mãe se estava vindo para conceder-me a entrevista. Ela disse que não, mas poderíamos conversar. Entrei na escola e somente após dado o sinal para a entrada dos alunos, convidei a acompanhar-me.

Iniciei com o agradecimento da presença e comecei perguntando se ela achava que o Mário tinha dificuldades de aprendizagem?

Sim. Mas o pai dele acha que não. Até o retirou da Escola Integrada.

No final de uma hora de entrevista diz:

Que pena! Adorei ficar aqui. Não queria ir embora. Até esqueci do meu antibiótico. Queria muito ficar mais....

Intervi, pois havia terminado o meu horário de ACEPATE.

5.10 Sra. Cláudia mãe de Alice

Você sabe o que é o PIP? O que você acha desta proposta?

Mais ou menos. Acho ótimo!

Você acha que seu(sua) filho(a) tem dificuldades de aprendizagem?

Acho que não. Acho que falta responsabilidade mesmo.

Que dificuldades você acha que ele tem?

Nossa dificuldade em português.

Você sabe o motivo dessa dificuldade?

Bom, o motivo é um pouco falta

Tento ajudar, mas as vezes é tão difícil que nem em consigo.

Quando há avaliação, como é o comportamento do(a) filho(a) ? Como ele (ela) se sente?

Não sei.

E você?

Seu (sua) filho(a) costuma contar para você algo que aconteceu na escola, seja de bom ou ruim?

Você pergunta sobre a escola quando ele não conta naturalmente?

As vezes sim. E sempre pergunto o que aconteceu na escola.

O que você gosta em um professor?

Gosto quando o professor pega no pé e ajuda os alunos que tem mais dificuldades.

O que você não gosta em um professor?

Quando o professor, não ta nem aí para o aluno e é muito calmo.

Como seria

É muito legal. A Monique melhorou muito. Ela é muito difícil. Não tem motivação. Tentamos colocar em aula particular com a Neide e ela não quis mais. A professora colocava muito limite. Ela gostou do PIP, mas com você. Teve outras que ela não gostou muito.

Que problemas você acha que ela tem?

Concentração. Ela muito dispersa. Antigamente ela era super ativa. Dr Paulo concordou. Primeiro foi Dona Regina, agora é Dr. Antônio.

Como você recebeu a notícia da indicação para o PIP?

Foi muito bom.

E para ela? No início ela gostou, depois perdeu a motivação. As notas melhoraram. Mostrava o caderno.

<

Ela é cheia de vaidades. Quer arrumar o cabelo. Fazer progressiva. Eu falo que agora não. Eu fiz no meu, mas falei que ganhei.

Dei um celular para ela. O celular é o limite.

Se ela não cumpre algo eu tomo o celular.

5.12 Análise das entrevistas dos alunos:

A partir das entrevistas com alunos percebi comportamento diferente em todas as crianças. Passam diariamente na minha sala para abraçar-me e emitir um belo sorriso. Arriscando a interpretar a expressão deles, eu traduziria como um alerta de atenção como se dissesse: Você me viu, professora! Eu sou importante para alguém.

O grupo de alunos entrevistados era do 5º ano do 2º ciclo. A seleção para realizar as entrevistas deu-se pelo fato da maioria ser aluno da minha sala no ensino regular durante o ano de 2011. Este fato permitiu observar os alunos em diferentes espaços analisando a postura em ambientes diferentes de aprendizagem.

Foram indicados para participarem do Projeto de Intervenção pedagógica por apresentarem desinteresse na aprendizagem, falta de organização e por não contarem com a participação familiar nos assuntos relativos à escola mesmo após serem cientificados da importância desses acompanhamentos. Minhas hipóteses enveredavam por razões diversas ligadas à classe social menos privilegiada

espaço de prazer onde se sentem bem, fazem amigos. Gostam de suas famílias, independentemente da sua forma estrutural. Fiquei surpresa quando perguntei como seria a escola ideal para eles e a maioria não sugeriu nada de novo. Todos traçam para o professor ideal o perfil de brincalhão, com fala mansa e sem gritar. Com relação às atividades, manifestam o desejo dessas serem dinâmicas, discursivas e com menos cópia.

Os pais têm presença marcante na vida dessas crianças. Gostam de ver os pais olhando os cadernos e manifestando a opinião sobre eles, mas de forma a orientar e não xingando e cobrando. São conscientes em relação a terem dificuldades na aprendizagem, mas não conseguem defini-las; querem melhorar, mas não sabem como fazer.

Foram unânimes ao falar sobre o espaço destinado ao PIP. Todos falam sobre o pequeno número de alunos e da forma como aprendem melhor quando estão no PIP. Não fazem nenhuma observação quanto ao

Da conversa com os pais percebe-se que eles acreditam na escola, julgam ser importante para seus filhos e têm, para eles, objetivos de futuro com base na educação. Todos gostaram do projeto do PIP, acham importante o(a) filho(a) frequentá-lo. Falam da impossibilidade de poder auxiliar os filhos nas atividades de casa devido ao horário de trabalho, ou por não possuírem estudo suficiente para acompanhar as tarefas dadas. Talvez a maior evidência tenha se firmado no fato deles estarem despreparados para lidar com as mudanças relativas a contemporaneidade e buscam ajuda.

Mesmo quando orientados, enfrentam a dificuldade em saber lidar com as crianças por motivos os mais variados possíveis.

Apesar de trazerem o discurso da importância em olhar os cadernos e acompanhar os filhos, não se observa essa postura no cotidiano dos pais desses alunos.

A maioria não fazia as atividades propostas em sala de aula ou em casa. Os motivos alegados eram diversos. Os cadernos sempre sem os cuidados básicos e raramente se percebia algum traço identificador da supervisão dos pais.

não terem aproveitado mais a sua época escolar. E ainda, não querem para os filhos essa mesma situação.

6. CONCLUSÃO

O que podemos nomear como dificuldades de aprendizagem? Existem diversas culturas e cada uma exige e valoriza um determinado saber. A incapacidade de aprender pode ser assim nomeada (e não determinada) se ela surge independentemente do espaço, do momento ou da cultura a que estiver submetida. Não ser capaz para realizar determinada tarefa em um contexto específico pode ter mil razões e não necessariamente como incapacidade de aprendizagem.

Inúmeros fatores interferem na realização de uma tarefa. O ambiente escolar no mundo contemporâneo é efervescente, pulsa numa rapidez sem igual. Os alunos querem muitas coisas, são ágeis, vivazes e questionadores. Pertencem a uma geração onde o verbo mais utilizado é escolher. Decidem o seu estilo de vida, suas músicas, seu visual. Todos falam de futuro e são capazes de determinarem como ele será. Talvez esteja nesse ponto o primeiro nó dessa geração com a escola. Será que a escola consegue ser tão cheia de vida? As propostas da escola para os alunos são atraentes? A escola da voz ao aluno?

V

O espaço destinado ao PIP oferta ao aluno a oportunidade dele ser visto no seu melhor. Ele apresenta dificuldades em realizar uma tarefa, mas tem a oportunidade de dizer sobre ela sem sentir-se inferior a outro aluno. O professor não ocupa a posição de autoridade da forma como se apresenta na escola regular. Ele está ali para auxiliá-lo, é um amigo.

Pergunta-se como fica a autoridade a ordem e o lugar

espaço de tudo: educar, fazer amigos, aprender e oportunidade para um futuro melhor.

Difícilmente alguma ciência conseguirá produzir uma receita ideal para sanar os problemas com aprendizagem presente nas escolas. Isso é um ponto positivo. Se não o fosse poderíamos pensar que todos são iguais. Somos mutantes e buscamos inovações. A vida é cíclica, estamos em constante busca de algo novo e quando o alcançamos, partimos logo para outro objetivo. O importante é refletir sempre.

Em relação ao PIP, por quantas hipóteses passei, quantas teorias formulei e todas se quebraram mediante um fato novo surgido. Primeiramente era um espaço destinado somente ao PIP. Julgava muito bom porque não tinha barulho, as crianças concentravam e as aulas caminhavam. Mas o índice de faltas era significativo.</

Cada criança é única na sua dificuldade. Aos profissionais da educação compete manter essa individualidade presente nas ações do espaço escolar. É muito bom existir alunos com comportamentos diferenciados nos impulsando a sair da zona de conforto, refletir e buscar soluções. Eles, na verdade, nos permite aprender. Nesse caso aprendemos com eles e por causa deles. À eles, muito obrigada!

Acredito ter decepcionado muitos profissionais ao concluir o Plano de ação sem uma resposta ou receita de como lidar com a diversidade de dificuldades presente nas escolas e particularmente nas crianças participantes dessa pesquisa. Não as tenho mesmo. Apenas sei como é importante dar voz a cada um deles e descobrir como eles se sentem em relação as suas dificuldades.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSENZA, Ramom M. ***Neurociência e educação: como o cérebro aprende***. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GOMES, M.F.C ***Relações entre desenvolvimento e Aprendizagem: Consequências na sala de aula***. Revista Presença Pedagógica, v. 8, n.45, BH: Dimensão,2002.

MRECH, Leny. ***Psicanálise e educação: novos operadores de leitura***. SP: Pioneira, 1999.

OLIVEIRA, M.K ***Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórica***. S.P:Spicione, 1993.

Prefeitura de Belo Horizonte- Secretaria Municipal de Educação - **Projeto de Intervenção Pedagógica**- Diretrizes para o Funcionamento em 2012.

SALVADOR, C.C etall. ***Psicologia da Educação***. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTIAGO, Ana Lydia; CAMPOS, Regina H. (orgs.) ***Educação de Crianças e Jovens na Contemporaneidade: Pesquisas sobre sintomas na escola e subjetividade***. Coleção Encontros Anuais HelenaAntip